



6º Congresso de Pós-Graduação

O CONHECIMENTO E A PRODUÇÃO ESCRITA

Autor(es)

FABIANA CRISTINA CANO CALGARO

Orientador(es)

ANNA MARIA LUNARDI PADILHA

1. Introdução

Sou professora do Ciclo II (5ª à 8ª série) do Ensino Fundamental de uma Escola Pública Estadual, em uma cidade do interior de São Paulo. Vivendo nesta realidade, me deparo com a atual situação da maioria dos alunos que, estando no ciclo II, possuem grandes dificuldades nas diferentes áreas de conhecimentos. Professores descontentes, incrédulos e insatisfeitos são encontrados em grande parte das escolas brasileiras.

Diversos discursos se apresentam procurando culpados para o fracasso escolar, em geral, focalizado nos próprios alunos. É preciso compreender que fazem parte das contradições e conflitos de uma crise crônica das instituições causada pela ilusão do acesso das camadas populares aos bens culturais e materiais da sociedade.

A escola pública tem fornecido diplomas e parece satisfazer-se com isso. O alarme de que o ensino está deficitário e de que há uma fragilidade no desempenho da leitura e da escrita, não só dos alunos, mas, também, de seus professores demanda estudos e uma interpretação crítica: política e pedagógica porque, como disse Bourdieu: o fracasso escolar tem se evidenciado cada vez mais acentuadamente, como uma catástrofe, até nos meios populares. É forte a expressão que este autor utiliza, mas é preciso concordar com ele sobre o “engodo” da prometida ascensão social por meio da escola.

Meu ofício de professora me impõe compromissos políticos e pedagógicos com a “classe que vive do trabalho” bem como o reconhecimento que, se a educação escolar não depende somente dos professores, por ser prática social, sua atuação no cotidiano da sala de aula é insubstituível e ensinar é preciso. Assumo com Saviani (2003) que “a expressão elaborada da consciência de classe passa pela questão do domínio do saber” (p.78). E o domínio do saber não tem acontecido para todos os que estão na escola.

Como docente não considero natural que alunos do Ensino Fundamental de 5ª à 8ª série, nesta escola pública estadual, apresentem dificuldades com leitura e escrita, as quais já deveriam ter sido sanadas nos primeiros anos escolares.

2. Objetivos

Assumi a posição de professora/pesquisadora com o objetivo de analisar e interpretar os indícios da apropriação do conhecimento sistematizado e organizado socialmente bem como a necessidade de entender melhor a importância da mediação pedagógica do professor de língua portuguesa.

Para a descrição e análise priorizo o acesso ao conhecimento historicamente produzido procurando compreender a qualidade das interações sociais estabelecidas na sala de aula, permitidas e constituídas pela linguagem, durante as minhas aulas de Língua Portuguesa. Para isso, a investigação privilegia as práticas de leitura, compreensão de textos e produção escrita

3. Desenvolvimento

Para o desenvolvimento da pesquisa realizo um estudo a partir da análise de episódios transcritos e selecionados das aulas de língua portuguesa, aulas estas destinadas à leitura, interpretação e produção de textos escritos por estudantes da sexta série (atual sétimo ano), de uma escola da rede pública do Estado de São Paulo onde sou professora.

Uma vez que a descrição e a análise são da minha prática como professora dos alunos da 6ª série em questão (chamarei doravante de 6ª C) serão considerados e selecionados:

- a) a) Textos escolhidos para serem lidos e discutidos com os alunos;
- b) Registros de episódios de leitura, discussão dos textos, reprodução e produção de conhecimentos por meio das discussões, desdobramentos das discussões em outros textos e produções

4. Resultado e Discussão

Uma vez a pesquisa em andamento não é possível apresentar resultados específicos, apenas hipóteses. A seguir destaco um trecho de um dos episódios a ser analisado e discutido.

As dúvidas em relação às regras gramaticais não é um empecilho para a produção escrita, solicitam não só meu auxílio, como também o de outros alunos no momento da revisão do texto escrito; revisão esta feita pelos próprios estudantes antes de entregarem-me as produções. A seguir destaco um episódio, no qual uma aluna auxilia um dos colegas que está com dificuldades:

Os alunos estavam revisando suas produções textuais para me entregarem; eu estava em minha mesa auxiliando um dos alunos que precisava de maior atenção. Assim que terminei passei a observar o grupo todo. Nesse momento, outro aluno que também apresenta as dificuldades mencionadas solicita a ajuda de uma colega que já escreve muito bem.

Wili: *Lili, você pode lê meu texto? Eu já li, mas acho que ainda dá pra melhorá...*

Lili: *Deixa eu lê...*

[Leva sua cadeira para perto do colega Wili e passa alguns minutos lendo sentada ao lado dele]. Após esse tempo:

Lili: *Wili, seu texto não tem pontuação.*

Wili: *Então, é o que eu não sei colocá..*

Lili: *Ó, leia comigo: Será que eu posso viver neste castelo? - é uma pergunta, precisa do ponto de interrogação.*

Wili: *Ah!! É aquele assim* [desenha o ponto de interrogação na carteira]

Lili: *Isso, então vamo colocá.*

Wili: *E os outro ponto, como são?*

[Lili levanta-se, olha para mim como se tivesse pedindo permissão. Eu balanço a cabeça afirmativamente. Ela pega um giz e vai pra um cantinho da lousa].

Lili: *Presta atenção: Esses são os pontos, vou fazê.*

Wili: *tá.*

Lili: *Nessa frase: Que bonito seu castelo - Coloco ponto de...*

Wili: *Aquele de admirá...*

Lili: *Isso! É o ponto de exclamação* [Faz na lousa a frase e o ponto].

Lili: *Tá... qué ajuda?*

Wili: *Dexa eu tentá sozinho...*

Lili: *Tá...*

Wili: *Achei...ó.* [diz a frase: Não posso desrespeitar o código da cavalaria]

Lili: *Wili, ai o personagem não está exclamando, está afirmando, então é o ...* [não termina o enunciado]

Wili: *Sei, ponto final, que afirma, né?*

Lili: *Isso...*

Assim prosseguem até terminarem a revisão do texto, Lili trata dos sinais de pontuação com seu colega Wili; após alguns minutos os outros alunos passam a prestar atenção nela e nas suas explicações, observei que corrigiam a pontuação dos seus respectivos textos; inclusive elaboravam perguntas sobre pontuação, às quais a aluna respondeu acertadamente de acordo com seus conhecimentos.

A aluna iniciou a explicação num cantinho da lousa, ao terminar a lousa estava totalmente tomada com os exemplos de orações por ela elaboradas e as respectivas pontuações. Fiquei observando e a sala manteve-se em silêncio.

5. Considerações Finais

Para finalizar destaco os teóricos que norteiam meus estudos, pois, como já explicitado, a pesquisa está em andamento e não há resultados específicos. Utilizo a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento

humano que tem em Vigotski seu principal representante, bem como os estudos de Leontiev e Luria, também estudiosos russos. Tal perspectiva pressupõe a humanização do homem nas relações sociais. Vigotski, em seu Manuscrito de 1929, parafraseando Marx diz que “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura” (2000, p.27).

Luria (1991), referindo-se à importância da linguagem no desenvolvimento da atividade consciente do homem, diz que ela permeia e eleva as funções psicológicas humanas, ou seja, as funções psicológicas superiores. Ensina que o homem, por causa da linguagem, pode refletir as condições de seu meio, abstrair impressões imediatas, “penetrar nas conexões e dependências profundas das coisas, conhecer a dependência causal dos acontecimentos e, após interpretá-los, tomar como orientação não impressões exteriores, porém, leis mais profundas” (p.72).

Leontiev explica que “o movimento da história só é possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com a educação” (1978, p.273).

Outro autor a quem recorro como interlocutor é Bakhtin, cuja concepção enunciativo-discursiva, trata sobre as questões da linguagem, do diálogo, da importância da interação verbal para a organização do pensamento.

Fontana ajuda-me a entender a mediação pedagógica, tão primordial na elaboração conceitual, visto que os conceitos são elaborados e re-elaborados o tempo todo a partir da significação, esta também presente na compreensão da palavra do outro.

Muito me ajudam os ensinamentos da pedagogia histórico-crítica, apresentada e defendida por Saviani que traz questões referentes à educação, ao papel da escola e do professor em relação ao conhecimento sistematizado e acumulado ao longo da História da Humanidade.

Geraldi, estudioso da linguagem e do ensino de Língua Portuguesa aborda sobre o papel da escola e do professor. Ajuda na reflexão sobre uso do texto na sala de aula e as mais diversas formas de utilizá-lo como fio condutor na aquisição de conhecimentos.

Referências Bibliográficas

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.

Bakhtin, m. m. , 1895-1975 Marxismo e filosofia da linguagem, 12a ed. - São Paulo: Hucitec, 2006.

Barthes, Roland, 1915-1980. o prazer do texto. São Paulo: Prespectiva, 2006.

Fontana, Roseli. Ap. Cação. Mediação pedagógica na sala de aula/ Roseli p. Cação Fontana. - 4a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. - (Coleção educação contemporânea).

_____ Psicologia e trabalho pedagógico/ Roseli Fontana e Maria Nazaré Cruz. - São Paulo: Atual, 1997.

Geraldi, J. W. Portos de passagem- 4a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. - (Texto e Contexto)
_____. (org.) O texto na sala de aula. 4 ed. - São Paulo: ática, 2006.

Luria. A. R. Curso de psicologia geral. 2a ed. Rio de Janeiro, Rj: Civilização Brasileira, 1991.

Pino, A. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev Vigtski/ Angel Pino. - São Paulo: Cortez, 2005.

Saviani, D. Pedagogia histórico-crítica. 9 ed. - Campinas, SP: Autores associados, 2005. - (Coleção educação Contemporânea)

Vigotski, I. S., 1866-1934. v741L. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem/ Lev S. Vigotski, Alexander

R. Luria, Alex N. Leontiev; tradução Maria da Penha Villalobos. - São Paulo: Ícone, 2006. (Coleção educação Crítica)

(esta bibliografia será ampliada)